



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

JOELMA NORMANDIA BATISTA

**LEITURA, PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE TEXTOS: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA**

**CAMPINA GRANDE- PB
2016**

JOELMA NORMANDIA BATISTA

**LEITURA, PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE TEXTOS: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso, Artigo Científico apresentado ao Curso de Graduação em Letras- Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa.

Orientador (a): Prof^a Ms^a Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa.

**CAMPINA GRANDE- PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B563l Batista, Joelma Normandia
Leitura, produção e divulgação de textos [manuscrito] : uma proposta pedagógica / Joelma Normandia Batista. - 2016.
32 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Amasile Coelho Lisboa da Costa
Sousa, Departamento de Letras e Artes".

1. Estágio supervisionado. 2. Língua materna. 3. Leitura. 4.
Escrita. 5. Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 371. 225

JOELMA NORMANDIA BATISTA

O Ensino de Leitura e Escrita no Estágio Supervisionado no Ensino Médio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras- Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa.

Aprovada em 26/04/2016

BANCA EXAMINADORA

Amasile Coelho L. C. Sousa Nota 8,0
Prof. Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa.
Universidade Estadual da Paraíba
Orientadora

Alfredina Rosa O. do Vale Nota 8,0
Prof. Dr. Alfredina Rosa Oliveira do Vale
Universidade Estadual da Paraíba
Examinadora

Ranieri Machado Bezerra de Mello Nota 8,0
Prof. Ranieri Machado Bezerra de Mello.
Universidade Estadual da Paraíba
Examinador

Média 8,0

LEITURA, PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE TEXTOS: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

BATISTA, Joelma Normandia¹

RESUMO

Pretende-se, neste trabalho, discutir a necessidade de uma articulação entre teoria e prática na formação do professor. E verificar como é possível desenvolver o ensino de leitura e escrita em sala de aula durante o estágio supervisionado, e a contribuição do estágio para a formação docente por meio das experiências vivenciadas. Sabe-se que o professor deve aplicar o ensino de língua portuguesa inovando com uma base teórica metodológica satisfatória que venha proporcionar bons resultados ao ensino/aprendizagem dos alunos, pois segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Ocem (2008, p. 17-18) é no ensino médio que as habilidades adquiridas no ensino fundamental devem ser aprimoradas e estabelecidas. Este trabalho organiza-se em quatro partes, inicia-se com base em textos teóricos de autores que trazem uma nova perspectiva para o ensino de leitura e escrita, prosseguindo com a realização da pesquisa em campo numa escola pública, em uma turma do 1º ano do ensino médio conforme segue o relato de experiência. E por fim, uma reflexão para o ensino e a formação do professor. Considerando-se a importância de se trabalhar com a leitura e escrita de gêneros discursivos, essa pesquisa respalda-se nos fundamentos teóricos de Lopes-Rossi (2005), Cunha (2002), Bagno (2002) e Guimarães (2012), entre outros.

PALAVRAS- CHAVE: Estágio supervisionado. Língua materna. Leitura/escrita. Ensino.

1 INTRODUÇÃO

O Ensino Médio é a fase na qual os saberes adquiridos ao longo de uma vida de estudos se estabelecem preparando o jovem para viver na sociedade e continuar seus estudos no nível superior. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCM, 2008) orientam as abordagens de ensino de língua portuguesa para o ensino médio, sendo referenciais que uma vez compreendidas direcionam a um ensino satisfatório aos alunos. Segundo as OCM (2008), no contexto do ensino médio, o ensino de língua portuguesa deve proporcionar ao aluno a capacidade de crescer em conhecimentos mais complexos, para que possa entrar no mundo do trabalho com autonomia, podendo aprimorar-se profissionalmente, e integrar-se na sociedade com ética e responsabilidade, vendo as dimensões diversas da prática social.

Para desenvolver o aperfeiçoamento nos alunos no ensino médio é importante que eles cheguem nesta fase com uma aprendizagem bem encaminhada, vinda do ensino fundamental, iniciada nos primeiros anos na escola, porém percebe-se que desde as séries iniciais, as crianças vêm acumulando deficiências na aprendizagem, em especial, na leitura e na escrita, e

¹ E-mail: joelmanormandia@gmail.com

Graduanda – em Letras (UEPB)

vão repassando ano após ano para o ensino fundamental e médio, no que dificulta o aprimoramento. Assim, vemos uma necessidade de mudança na forma de se trabalhar a leitura e a escrita em sala de aula, para que essas deficiências sejam evitadas, e assim os alunos avancem em seus conhecimentos no ensino médio.

O trabalho com a leitura e a escrita fará com que o aluno perceba o uso da linguagem como um instrumento de poder que o fará ascender nas esferas sociais após sua formação escolar, para que possa interagir e argumentar em qualquer ambiente ou comunidade linguística, tendo o domínio da comunicação.

As ações realizadas na disciplina Língua portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta. (OCEM, 2008, p.18).

É interessante trabalhar a leitura e a escrita conhecendo a estrutura que compõe os gêneros discursivos, que se direcionam aos mais variados públicos alvo, importantes para a relação com a sociedade. Pois, “O estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem”. (PCNEM, p. 8). Percebe-se, assim, nos gêneros discursivos a dimensão que a linguagem possui para a interação, ao fazer uso dela. Diante disso, estabeleceu-se como objetivo verificar a necessidade de uma articulação entre teoria e prática na formação do professor de língua materna. E desenvolver o ensino de leitura e escrita com gêneros discursivos em sala de aula.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Leitura, Produção e Gêneros Discursivos no Ensino de Língua e na Formação do Jovem Leitor

Lopes-Rossi (2005) traz novas propostas de projetos pedagógicos desenvolvidos e orientadas por ela para o ensino de gêneros discursivos nas escolas públicas e particulares, em níveis fundamental, médio e superior. Lopes-Rossi (2005) traz a estrutura e as características dos projetos pedagógicos para leitura e produção de gêneros discursivos, com três módulos com sequências didáticas apropriadas para serem aplicadas em sala de aula. Mostra algumas observações gerais destes projetos, e duas dificuldades ainda enfrentadas por professores no trabalho em sala com gêneros discursivos. O tema central desta proposta é a transposição didática com a orientação discursiva proposta pelos PCNs para o ensino de

língua portuguesa, fundamentada em parte, na teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin (1992).

Segundo Lopes-Rossi (2005, p. 80), estes projetos pedagógicos de leitura e escrita de gêneros discursivos ao serem aplicados em muitas escolas de sua cidade, Vale do Paraíba, em São Paulo, trouxeram bons resultados e satisfação aos professores ao constatarem a participação dos alunos. Para que professores pudessem exercer esses projetos pedagógicos com ensino de leitura e escrita com gêneros discursivos, necessitaram estudar anteriormente a fundamentação teórica básica, e conhecerem exemplos práticos deste processo, pois fora da universidade, o conhecimento deste trabalho era bem restrito.

Os pesquisadores europeus da “Escola de Genebra”, dentre os quais destacam-se Jean Bronckart, Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz, A. Pasquier, e Sylvie Haller, conhecidos também como pesquisadores do Grupo de Genebra, afirmam que um mérito importante deste trabalho é

Proporcionar o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, uma vez que é por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem incorporam-se nas atividades dos alunos. (Lopes-Rossi, 2005, *apud* SCHNEUWLY e DOLZ, 2004)

Segundo Lopes-Rossi (2005), para que os alunos conheçam as características discursivas e linguísticas dos gêneros diversos em situações de comunicação real, os professores devem trabalhar projetos que levem à leitura, discutindo os usos e as funções sociais dos gêneros, visando também à produção e circulação social.

A leitura, somente, pode tornar-se um objetivo de um projeto pedagógico, mas para a produção escrita, alguns gêneros são difíceis de serem reproduzidos em sala de aula, devido a sua situação de produção e circulação social, como exemplo, temos os gêneros trabalhados somente para leitura, como, bulas de remédios, etiquetas de roupas, rótulos de produtos, entre outros. Os gêneros são difíceis de serem reproduzidos também pelo fato dos professores julgarem necessário priorizar, em alguns momentos, as atividades de leitura. Alguns gêneros discursivos adequados para se trabalhar projetos de leitura são “rótulos de produtos, bulas de remédios, propagandas de produtos, propagandas políticas, etiquetas de roupas, manuais de instrução de equipamentos, contratos, notas fiscais.” (LOPES-ROSSI, 2005, p. 81). E para “atividades de leitura para entretenimento, conhecimento e resolução de problemas são

poesia, romance, verbete de dicionário, lenda, fábula, cordel, adivinha, piada, letra de música, mapa.” (LOPES-ROSSI, 2005, p. 82)

A leitura de gêneros discursivos na escola não pressupõe sempre a produção escrita. Esta, no entanto, pressupõe sempre atividades de leitura para que os alunos se apropriem das características dos gêneros que produzirão. (LOPES-ROSSI 2005, p. 82)

Lopes-Rossi (2005, p. 82) afirma que para se efetuar um projeto para produção escrita será sempre necessário iniciá-lo com um módulo didático de leitura para os alunos aprenderem as características do gênero que irão produzir.

Módulos didáticos são atividades, isto é, exercícios e pesquisas planejadas metodicamente, com a finalidade de desenvolver as capacidades dos alunos. Lopes-Rossi (2003a) traz um esquema com fundamentos para o trabalho com projetos pedagógicos com três módulos didáticos, que são o módulo de leitura, o módulo de produção escrita e o módulo de divulgação ao público do gênero, com uma sequência didática para cada módulo.

Os objetivos trabalhados como resultado final de projetos com sucesso nas escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio para divulgação das produções dos alunos, entre outros, são:

Elaborar notícias para a rádio da escola; elaborar paródias para um concurso na escola; produzir livros de poesia; produzir cartazes para divulgação de duas festas promovidas pela escola e afixá-los em vários estabelecimentos comerciais do bairro; confeccionar cartões de natal e enviá-los a familiares e amigos; produzir livros de contos (de mistérios, fantásticos, de humor) com ilustrações para lançamento em evento da escola, elaborar curriculum vitae com carta de encaminhamento e, ainda, carta de solicitação de emprego pra enviar as empresas da cidade, buscando, de fato, um emprego. (LOPES-ROSSI 2005, p. 83)

No primeiro módulo de leitura, os professores devem levar para a sala de aula diversos exemplos do gênero original para que os alunos conheçam toda a estrutura e características típicas dele, os objetivos, a temática, os elementos verbais e não verbais, de que maneira as informações se organizam, toda a sua composição. É importante fazer com que o aluno tenha contato com os suportes dos gêneros como, jornais, revistas, embalagem e folha de papel, pois “A percepção dos aspectos discursivos do gênero permite entender melhor também sua organização textual.” (LOPES-ROSSI, 2005, p. 84). As condições de produção e de circulação do gênero são compreendidas com perguntas como

Quem escreve em geral este gênero discursivo? Com que propósito? Onde? Quando? Como? Com base em que informações? Como o redator obtém as informações? Quem escreveu este texto que estou lendo? Quem le esse gênero? Por que o faz? Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influencia pode sofrer devido a essa leitura? Em que condições esse gênero pode ser produzido e pode circular na nossa sociedade? (LOPES-ROSSI 2005, p. 84)

Desta forma, os alunos terão inferências, por parte do leitor, para escolher o vocabulário, usar recursos linguísticos e não linguísticos, selecionar informações do texto, e/ou omiti-las, o tom e o estilo. O aluno perceberá como o sujeito e a linguagem se relaciona de uma forma dinâmica e perceberá o caráter histórico e social do gênero discursivo. Para produzir, o aluno irá buscar a composição típica do gênero, informações selecionadas, e como organizá-las por escrito, no entanto, no gênero textual redação escolar muito utilizado no ensino tradicional, o aluno produzirá baseado em suas próprias ideias e opiniões. Na produção dos gêneros discursivos, o aluno terá que buscar informações adequadas para redigi-los, porque o texto irá circular de fato, e isto, para Lopes-Rossi (2005) é a melhor motivação para se oferecer aos alunos ao final do projeto. O intuito não é fazer o aluno reproduzir o gênero, mas desenvolver nele sua competência comunicativa com as características típicas do gênero em estudo.

No segundo módulo para a produção escrita, é proposto que os alunos formem grupos para interagirem e trabalhem juntos, trocando informações e dividindo as tarefas. É importante que os alunos procedam como os produtores reais de gêneros discursivos, como os jornalistas, por exemplo, que para produzir suas reportagens realizam várias atividades. E para Lopes-Rossi (2005), aí está a essência da proposta pedagógica.

Se um jornalista prepara ou recebe uma pauta para sua reportagem, entrevista várias pessoas, observa a realidade que envolve o assunto (lugares, pessoas, objetos, fatos) pesquisa em fontes impressas para obter informações necessárias, anota-as, grava-as, organiza-as num texto com certas características específicas, faz fotos, revisa seu texto, também os alunos deverão proceder da mesma maneira. (LOPES-ROSSI 2005, p. 87)

Este trabalho deve ser feito com a colaboração dos professores, e para ser realizado, será necessário tempo, mais de um dia, e atividades extra classe para adquirir informações necessárias ao texto, será necessário a correção com a participação mútua entre alunos e professores, e com a opinião de outros colegas para a revisão do texto quanto ao conteúdo e a organização geral do texto, contribuindo não só com a produção, mas para desenvolver uma leitura crítica do gênero. Além do trabalho em grupo, a produção textual do gênero se

organiza em etapas, nesta ordem, com o planejamento da produção (assunto, recursos), a coleta de informações, com a produção da primeira versão com revisão colaborativa do texto, a produção da segunda versão com revisão também, e a produção da última versão com o suporte para circulação do texto.

O terceiro módulo é a divulgação ao público das produções dos alunos de acordo com as características de circulação do gênero, com uma exposição na escola ou com a distribuição dos textos ao público mesmo fora da escola. Este momento, segundo Lopes- Rossi (2005) é gratificante para todos os envolvidos no projeto. Esta etapa contribui para a valorização e o desenvolvimento comunicativo dos alunos, como também para ampliar seu conhecimento de mundo.

Lopes-Rossi (2005) afirma que em um ano letivo poucos projetos podem ser desenvolvidos, mas muitas atividades podem beneficiar os alunos, pois adquirem muitas habilidades e conhecimentos. O sucesso desta proposta pedagógica se dará, entre outras condições, com a atuação de um professor mediador, orientador e parceiro dos alunos, e os alunos interagindo entre eles com troca de conhecimentos e habilidades diferentes, um envolvimento que será avaliado no decorrer do processo. Este projeto pedagógico é um processo contínuo, e não uma ou outra atividade.

Lopes-Rossi (2005) cita duas dificuldades que professores enfrentam no ensino de gêneros discursivos, a primeira dificuldade é que são poucas as características destes gêneros interessantes ao ensino, pois deveria haver uma análise maior dos aspectos linguísticos, textuais, gráficos e discursivos e não só textuais para o ensino de leitura e produção, de maneira a ampliar a capacidade comunicativa dos alunos. A outra dificuldade é que os modelos de produção de textos mantidos nos livros didáticos têm dificultado a mudança na prática pedagógica dos professores, e também os livros didáticos de português não introduzem as atividades com os gêneros discursivos na dimensão em que devem ser abordados.

Pois ao analisar quatro volumes (5, 6, 7 e 8) de Fernandes e Hailer (2000), edição válida para 2003, Lopes-Rossi (2005) comprovou que a grande quantidade de gêneros e produções textuais propostos em cada livro não permite desenvolver os projetos pedagógicos no modelo como propõem os PCNs, pois o tempo reservado a cada uma é curto, e a leitura e produção escrita são propostas de forma tradicional. Na forma tradicional, são feitas poucas perguntas sobre o conteúdo do texto, para em seguida, o aluno começar a escrever; também é proposta a produção de um gênero discursivo apenas com a leitura de vários trechos de outro, insuficiente como modelo para outra produção.

Segundo Lopes-Rossi (2005), o professor dever trazer para as salas de aula modelos de gêneros discursivos, e o livro didático de português deveria sugerir isto aos professores. O Ldp não reproduz o gênero discursivo com as suas características gráficas, na textura, no tamanho, e nem reproduz o seu suporte típico. No Ldp o gênero discursivo é reproduzido de forma gráfica diferente do original, no que impede em situações de comunicação real, o reconhecimento do aluno do gênero discursivo para a sua construção de significados durante a leitura. Assim, os alunos não se apropriam das características dos gêneros discursivos para serem leitores mais proficientes e produzirem com propriedade, são levados a produzirem redações a partir de suas opiniões, sem que o texto tenha condições de circulação social.

Esses projetos pedagógicos para o ensino de leitura e escrita com gêneros discursivos podem ser efetuados em escolas públicas mesmo com poucos recursos financeiros, se os professores forem informados desta teoria básica e disponibilizarem alguns recursos materiais mínimos para este trabalho, como o livro didático, quadro e giz, e se possível, materiais xerocopiados. É importante buscar condições para um ensino melhor, de maneira que os professores e futuros professores (alunos do curso de Letras) possam elaborar novos projetos pedagógicos a partir deste conhecimento do ensino de gêneros discursivos na escola compartilhado por Lopes-Rossi (2005).

2.2 A Noção de Gênero Discursivo

Cunha (2002) aborda o conceito de gênero e as mudanças que ocorreram em seu estudo ao longo do tempo, pois durante séculos era os gêneros literários, o objeto central da poética, de Aristóteles a Hegel. Com mais um século de abordagens historicistas e positivistas, a noção de gênero veio a se tornar objeto de interrogação na década de setenta, para os que na teoria da literatura buscavam um significado antropológico e a estética do fato literário.

Atualmente, os estudos dos gêneros voltaram-se para o domínio da lingüística, pois a noção de gênero é essencial para o estudo das ciências da linguagem. A noção de gênero se encontra em trabalhos de lingüística teórica e aplicada, nos PCNs, e em critérios de avaliação dos livros didáticos produzidos pelo MEC. Contudo, percebe-se que a noção de gênero não é unívoca, e apresenta algumas dificuldades e evidências.

Segundo Cunha (2002), a literatura denomina gênero, tipo, forma, modo ou gêneros textuais, gêneros discursivos, tipos textuais e tipos de discurso refletindo diversas abordagens.

Cunha (2002) baseada em Freedman e Medway (1994), afirma que ao longo da história, os gêneros foram vistos como literários, imutáveis, fixos, com forma e conteúdo textuais regulares, sendo categorias claras, exclusivas e subcategorias. Nessa visão se enquadram os gêneros literários épico, lírico e dramático, e na tradição retórica conforme afirma Cunha (2002), citando Adam (1992), são propostos os tipos textuais argumentação, descrição, narração, explicação e diálogo. Com o tempo, a noção de gênero foi vista em diferentes pontos de vista por muitos autores, foi vista conforme as atividades humanas em diferentes esferas que junto com a linguagem, comportam uma diversidade de gêneros.

Deste ponto de vista, as diferentes atividades humanas determinam o gênero ou o tipo do enunciado, que por sua vez reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas não só pelo conteúdo temático e pelo estilo de língua, mas, sobretudo pela construção composicional. (CUNHA, 2002, *apud* BAKHTIN, 1997).

Cunha (2002, p. 62) baseada em François (1998), mostra que as dificuldades encontradas na noção de gênero são que os gêneros não são puros, comportando subgêneros ou tipos textuais, assim como exemplo, a bíblia; os gêneros mimetizam para fazer outra coisa, de maneira que um texto com o título de ensaio pode vir a ser na verdade um romance; todo texto comporta um gênero, um domínio anunciados, um mundo anunciado realidade ou ficção, uma relação anunciada ao receptor, uma figura anunciada do autor que determina o prazer pela leitura e a forma da leitura, pois os textos estão em relação com outras semiologias na fala e na escrita; um gênero pode se definir pelo seu modo de relação com outros, um texto pode ser um parêntese com relação a outros, ou indicar o seu próprio espaço, ser independente de ser indicado no título, na introdução ou na capa como os contos iniciados por *era uma vez...* Sendo assim, não é possível propor uma definição para os gêneros baseados nas formas linguísticas que apresentam, devido às dificuldades apontadas em seu conceito, porém a análise da linguagem é feita com objetos dados em gêneros.

Portanto, para o reconhecimento dos gêneros na escrita pela comunidade linguística, Cunha (2002, p. 63) apresenta algumas evidências, elementos metagenéricos que são os elementos paratextuais e a estrutura visual dos objetos textuais, que fazem parte da construção composicional do texto e são indicadores de gêneros. Cunha (2002) traz diferentes definições do paratexto baseada em alguns teóricos da literatura, entre eles, baseada nas ideias de Genette (1986), afirma que a paratextualidade é um tipo de relação transtextual, isto é, como

os gêneros, o paratexto é definido com relação a outros gêneros, para isso é necessário seus componentes: o epitexto e o peritexto.

Algumas características do peritexto (componente do paratexto) que indicam os gêneros são estes: *o nome do autor, o título e subtítulos*. Cunha (2002) baseada em Foucault (1969) afirma que *o nome do autor* manifesta o conjunto de discursos do próprio autor, e informa ao leitor o gênero do discurso, como Graciliano Ramos que identifica o gênero literário, Sausurre, o gênero científico, e Descartes, o gênero filosófico; *o título e os subtítulos* têm a função de informar, asserir, convencer e argumentar, também informa o gênero do discurso e o nome do autor. E a estrutura visual dos objetos visuais é definida como um indicador do modo de significar do texto

Os acompanhantes não verbais que compõem o contexto da escrita- pontuação, diagramação, forma da letra constituem sistemas semiológicos legítimos. Embora a imagem do texto seja um material estranho à Linguística, segundo este autor, todos os objetos textuais são caracterizados pela estrutura visual, à qual o modo de significar do texto pertence. (Cunha, 2002, *apud* ARABYAN, 1999:99).

Pode- se perceber essa imagem visual na carta, quando na sua estrutura apresenta o lugar e a data de redação em parágrafo inicial, que funciona como um dispositivo próprio da escrita. A ata, o horóscopo, o requerimento, e o edital também possuem esse dispositivo. Cunha (2002) faz referência ao manual, *Normas sobre correspondências e atos oficiais*, editado pelo MEC, com os gêneros da comunicação institucional indicando a estrutura visual com o uso de maiúsculas, margens, espaçamentos, distribuição dos elementos no papel, e assim o leitor reconheça o gênero do discurso por estes elementos. Assim, conhecendo como se dá a origem dos gêneros na história e como acontece na linguagem oral e escrita atualmente, pode-se pensar o ensino/aprendizagem a partir das condições de produção, e com os elementos metagenericos: paratexto e estrutura visual dos objetos textuais, a construção composicional. A noção de gênero não é unívoca, visto que os gêneros não são puros, devido à maneira em que eles se apresentam e se compõem.

O conhecimento detalhado acerca da noção de gênero é relevante para os profissionais de letras de forma que possam fundamentar seus conhecimentos de maneira mais profunda, pois o estudo dos gêneros é um conteúdo inovador na disciplina de língua portuguesa.

2.3 Gêneros textuais e ensino

Bagno (2002, p. 51) questiona, se a função da escola não é ensinar a gramática tradicional, e nem substituí-la por outra mais atualizada, então, qual seria o objetivo do ensino de língua na escola? Assim, com base neste questionamento introduz um novo conceito desenvolvido nas áreas da linguística aplicada e da educação, que é o conceito de letramento. Então, Bagno (2002, p. 52) citando Soares (1999, p. 3), define o letramento como a condição que o indivíduo possui de não somente saber ler e escrever, mas também de exercer as práticas sociais de leitura e escrita com as práticas sociais de interação oral, pois a escrita proporciona ao indivíduo consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, e linguísticas.

Desta forma, Bagno (2002, p.52) propõe um ensino de língua que leve o aluno a um grau de letramento cada vez maior, desenvolvendo nele habilidades e comportamentos de leitura e escrita que proporcione fazer um eficiente uso das capacidades técnicas de ler e escrever. Depois de aprender a ler e escrever é necessário oferecer oportunidades de exercitar este aprendizado de maneira efetiva, eficiente, criativa e produtiva.

Bagno (2002) afirma que para o ensino é necessário introduzir na escola aos alunos muita leitura variada, com jornal, revista e especialmente literatura, pois “escrita constante, várias vezes por dia, todos os dias: narrativas, cartas, etc. Muita leitura e muita escrita, simplesmente porque é assim que se aprende” (Bagno 2002, p. 53 *apud* POSSENTI, 2001, p. 143- 144).

Também, para o letramento abordar o conceito de gêneros textuais é fundamental, porque as realizações empíricas da língua são *textos* falados e escritos que se concretizam na forma de *gêneros textuais*. Portanto, gênero é

Uma forma textual concretamente realizada e encontrada como texto empírico, materializado. O gênero tem existência concreta expressa em designações diversas, constituindo, em princípio, conjuntos abertos. Podem ser exemplificados em textos orais e escritos tais como: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, índice remissivo, romance, cantiga de ninar, lista de compras, publicidade, cardápio, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, debate, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, fofoca, confissão, entrevista televisiva, inquirição policial, e-mail, artigo científico, tirinha de jornal, piada, instruções de uso, outdoor etc. Os gêneros são formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas. Sua definição não é linguística, mas de natureza sociocomunicativa, com parâmetros essencialmente pragmáticos e discursivos. (BAGNO, 2002, p. 54- 55 *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 42- 43)

Diferente do ensino tradicional, o ensino inovador considera importante a infinita variedade de gêneros textuais existentes na vida social, provenientes das práticas orais que são muito importantes para a ampliação do conceito de letramento. Segundo Bagno (2002, p. 55), no ensino tradicional somente os gêneros literários escritos mais prestigiados eram abordados em sala de aula, como o romance, o conto, e um pouco a crônica e a poesia, devido a um preconceito antigo contra a língua falada, por ser esta considerada sem gramática. O autor também mostra que é interessante considerar o *letramento digital*, que surgiu com o desenvolvimento da tecnologia da informática, e como fruto da linguagem em movimento, pois na tela do computador encontram-se textos e hipertextos

Suscitando novos gêneros, novos comportamentos sociais referentes às práticas de uso da linguagem oral e escrita, e cobrando de nós novas teorizações e novos modelos de interpretação dos fenômenos da linguagem. (BAGNO, 2002, p. 55-56).

Na maioria das escolas brasileiras, a prática tradicional da “redação escolar” tem sido o único gênero usado para a produção escrita, gênero este que só circula no interior da escola, não possui função sociocomunicativa importante para a vida do aprendiz, e empobrece os objetivos do ensino de língua na escola desprezando os elementos que contribuem para as *condições de produção* do texto escrito, como: *quem* escreve, *o que* escreve, *para quem* escreve, *para que* escreve, *quando e onde* escreve, que indicam a situação social, cultural, espacial e temporal.

Nas concepções de língua e letramento apresentadas, as práticas orais são tão importantes quanto às escritas. Assim, Bagno (2002, p. 56, 57), citando Soares (1999, p. 4, 5), traz propostas quanto aos objetivos para o ensino de língua na escola, como: *integrar* a oralidade e a escrita para que os alunos percebam a relação entre estas duas práticas; *tornar* os alunos hábeis na escrita em diversas situações discursivas, com a leitura e a produção de diferentes gêneros e funções para diversos interlocutores e diferentes situações de produção; *tornar* os alunos hábeis para produzir e ouvir textos orais de diferentes gêneros e funções, de acordo com os interlocutores, os objetivos e a natureza do assunto que falam ou escrevem, o contexto, as condições de produção do texto; *proporcionar* aos alunos a oportunidade de refletir os textos que lêem, escrevem, falam ou ouvem, contextualizando de forma intuitiva a gramática da língua, as características dos gêneros e tipos de textos, percebendo o efeito das condições de produção do discurso presentes na construção do texto e de seu sentido; *desenvolver* a habilidade de interação oral e escrita a partir do grau de letramento que os

alunos adquiriram no seu grupo familiar e cultural, já que no cotidiano social dos alunos há muitas práticas de oralidade, há diversidade na natureza das interações orais, e também práticas de leitura e escrita no ambiente familiar e cultural.

Nesta proposta percebe-se que a gramática trabalhada com a palavra e com a frase descontextualizada é deixada de lado, para focar o ensino de textos falados e escritos em situação social de comunicação e interação, textos que devem ser autênticos, não providos de livros didáticos e nem criados por professores. Assim faz-se necessário ampliar o estudo dos gêneros, como se estruturam estes textos empíricos, e quais suas condições sociais, históricas, situacionais e culturais de produção.

O objeto deixa de ser simplesmente a língua, entendida como sistema, código ou norma, para ser a linguagem, em seu sentido mais amplo de prática de interação sociocomunicativa e de criação de sentidos. E é tudo isso que constitui o que estou chamando aqui de educação linguística. (BAGNO 2002, p. 58)

2.4 O Estágio Supervisionado na Formação do Professor de Língua Portuguesa.

Segundo Guimarães (2012), aprender a ensinar, os licenciandos aprendem desde os tempos da escola antes de ingressarem na universidade, porque na vivência escolar se tem a noção do quê e como ensinar, o quê e como aprender; o convívio fora da escola com a cultura, a política, a religião e com a família em encontros e trocas de saberes também contribui para o aluno carregar dentro de si esta noção de ensino. Quando chegam à Universidade não é diferente, os alunos do curso de licenciatura em Letras não ficam restritos somente à sala de aula e ao estágio supervisionado, pois se envolvem em muitas outras atividades no convívio com professores e alunos nas aulas, que compartilham entre si leituras e sugestões de autores para serem lidos, participam de eventos e projetos na academia. A formação do professor de língua portuguesa é assim, observando a prática de outros professores, pela qual ensinam a ensinar.

No espaço escolar, o estagiário conhece os professores, funcionários, e alunos que participam daquele ambiente, observando os processos ali vividos, em seguida, prepara a sua sequência didática para aplicar aos alunos da escola com o acompanhamento do professor supervisor da universidade e do professor da escola (campo de estágio), e depois em sua prática em sala de aula participa das atividades de preparação, correções de exercícios, devolução, com comentários dos alunos.

No entanto, Guimarães (2012) afirma ser importante haver um contato maior, uma relação entre o professor supervisor e o professor da escola para encaminhar melhor os alunos no estágio, pois a universidade traz o ensino inovador, com idéias novas, e a forma na qual se encontra o ensino nas escolas, muitas vezes, é uma realidade diferente do novo que se aprende na universidade, esta supõe que se tem o necessário, o novo, e o professor da educação básica por sua vez, senti-se seguro de que o que faz é o certo e desconfia das pesquisas universitárias considerando-as descoladas da realidade da escola. Assim, esse contato permanente seria uma articulação entre os professores da universidade e os do campo de estágio que poderia favorecer um diálogo entre o aluno-estagiário e o professor da escola para diminuir e solucionar esses conflitos existentes. O professor da escola (campo de estágio), não está ali somente para confirmar as horas de estágio cumpridas, mas para contribuir numa parceria com o professor supervisor para a formação do licenciando. Uma forma de auxiliar os estagiários seria os professores da escola abrirem o espaço que eles precisam para aplicarem em sala o ensino que se discute na universidade, pois é muito bom encontrar professores compreensivos e inovadores no campo do estágio.

Os professores das escolas muitas vezes, ficam desconfiados porque sabem da realidade em que eles se enquadraram, e os alunos-estagiários chegam com pensamentos e propostas novas recebidas do campo de pesquisa que é a universidade, portanto fica um clima desconfortável para os futuros professores, muitas vezes os professores das escolas não aceitam estagiários, pois parecem temer o novo, isto é, novas teorias de ensino e novas propostas, ou se sentem incomodados por não seguirem o que aprenderam quando eram estudantes na universidade, ou acham que ceder suas aulas para os estagiários irá atrasá-los, ou atrapalhá-los no andamento de seus conteúdos já programados para dar em sala de aula. Porém, há professores que recebem os estagiários com braços abertos, possuem um ensino ótimo em sala, porque não pararam os estudos, continuaram se atualizando e crescendo na sua formação enquanto professores.

O desafio de um futuro professor é transformar os saberes adquiridos em muitas áreas do conhecimento, em didática.

Durante o estágio, ele deve tornar capaz de refletir sobre as situações de aprendizagem vivenciadas nas escolas estagiadas, a fim de construir e fortalecer sua identidade profissional que deve ser formada de modo a aliar o ensino de línguas e de suas literaturas sem supremacia de uma sobre a outra (GUIMARÃES, 2012, p. 282).

Significa ensinar a língua portuguesa numa dimensão sem priorizar uma ou outra disciplina, sabendo aproveitar o máximo o livro didático, buscando também fazer uso de outros recursos materiais para o ensino, com quadro e giz, materiais xerocopiados e impressos, vídeos, e etc., para proporcionar um ensino/aprendizagem mais produtivo conforme se aprende na universidade, levando o aluno a conhecer o estudo da leitura e da escrita com os gêneros na sua complexidade e estudar a literatura na sua plenitude, que por sinal, requer muita dedicação por parte do professor para atingir este propósito.

3 CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa do trabalho foi realizada em campo, com análise de experiência, baseada em textos teóricos de autores que apresentam em seu estudo o ensino de leitura e escrita numa perspectiva inovadora para o ensino médio, trazendo propostas de projetos pedagógicos para o ensino de leitura e escrita com gêneros discursivos nas escolas de nível fundamental, médio e superior; a noção de gênero; o letramento com base nos gêneros textuais; e a importância do estágio supervisionado para a formação do professor de língua portuguesa.

A experiência em sala de aula foi realizada no estágio supervisionado durante cinco encontros com uma turma de 1º ano do Ensino Médio. Realizou-se uma análise do ensino de leitura e escrita com gêneros discursivos em sala de aula, revelando assim, os resultados positivos durante o ensino, as dificuldades enfrentadas, e o que poderia ser melhorado no ensino/aprendizagem dos alunos. E que contribuição o estágio supervisionado trouxe para a formação docente.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NUMA TURMA DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

No estágio tivemos a oportunidade de acompanhar os alunos do 1º ano do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Cordula, no turno da manhã, e fomos bem recebidos pela professora e por todos os funcionários da escola. Com a turma do 1º ano C, desenvolvemos a sequência didática de língua portuguesa em que abordamos o gênero textual artigo de opinião com a intenção de solicitar aos alunos uma produção textual deste gênero.

No estágio nos propomos trabalhar a leitura e a escrita com o gênero artigo de opinião para o conhecimento da sua estrutura e de sua função social, focando o tema “Redes sociais”, seus usos, benefícios e malefícios. Trouxemos textos de diversos gêneros discursivos para a leitura e discussão em sala de aula acerca do tema. O tema atual e interessante contribuiu para o incentivo ao trabalho com a leitura, e para a interação em sala por meio da discussão entre os alunos e o professor.

No primeiro dia de estágio, levamos para a turma um artigo de opinião com o título “Redes sociais- o que são?”, de Josicleido Nogueira. Por ser um conteúdo que interessa muito aos jovens e está muito presente na atualidade, os alunos interagiram bem na aula, demonstrando o conhecimento que tinham sobre as redes sociais, os tipos de redes sociais existentes na internet e suas utilidades, foi discutido sobre o tempo dedicado às redes sociais que ultrapassa o limite, mostrando o mau que isto pode acarretar aos usuários. Foram apontadas também as facilidades que as redes sociais proporcionam para a comunicação e a resolução de problemas na vida do ser humano. Durante a leitura, mostramos também as características que o gênero artigo de opinião apresenta. De início, os alunos prestaram atenção na aula, ficaram quietos e comportados colaborando em sala de aula. Para que ficássemos mais seguros para ministrar as aulas, percebemos que a professora da turma os aconselhou antes para que colaborassem de maneira que não foi preciso chamar a atenção deles.

No segundo dia da nossa intervenção, trouxemos mais um texto, dessa vez uma pesquisa estatística intitulada “As redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros”, de Fátima Souza, prosseguindo com a discussão sobre as redes sociais mais usadas e as novas redes sociais que estão surgindo, e pouco a pouco vão tomando o lugar de outras, como exemplo, o whatsapp e muitas outras redes sociais que em breve irão tornar o uso da rede social facebook obsoleto. Foi apresentado também um vídeo “redes sociais”, para dialogar com os textos lidos, o vídeo trouxe uma visão sobre como as tecnologias da informação veio tomando conta das pessoas, e o quanto aumentou o número de acesso as redes sociais nos últimos tempos, de maneira que as pessoas passam muito tempo conectadas na internet, todos ao mesmo tempo. Os alunos se mostraram interessados, e o tema foi reforçado por meio da discussão.

No terceiro dia da intervenção, foi discutido o artigo de opinião “A força das redes sociais”, de Nonnato Reis. Este texto trouxe informações, dados que apontam a força das redes sociais desde o surgimento do primeiro computador, o qual foi utilizado por Adolf Hitler para difundir o seu domínio, o seu intento durante a segunda guerra mundial, período também em que houve o holocausto, até o desenvolvimento e crescimento das redes sociais

no mundo atual. O texto mostra também que as redes sociais estão sendo usadas como ferramentas para uma grande interação social, expandindo no meio de comunicação, mostra os seus pontos positivos e negativos, afirmando como as redes sociais vêm violando a intimidade, a privacidade das pessoas, apesar de serem elas peças indispensáveis para a vida do homem. Juntamente com os alunos, fomos observando os pontos importantes de cada parágrafo e destacando as características que identificam o gênero artigo de opinião.

Após a leitura, solicitamos a primeira produção textual do artigo de opinião para ser publicado em um blog criado pela turma, por meio de um sorteio, foi escolhido um aluno para criar o blog, em seguida, os alunos escolheram vários nomes para o blog, foi feita uma votação para escolher qual seria o nome, e o nome mais votado para o blog foi *Geração Literária*.

No quarto encontro, foram explicadas as características de um artigo de opinião. Após uma breve conversa com os alunos para saber o que se lembravam das características deste gênero, expomos no quadro o que foi dito por eles e acrescentamos algumas outras que faltavam. Depois da discussão, analisamos o texto do gênero artigo de opinião “As redes sociais digitais: necessidade ou vício?”, de Tania Tait, mostrando o que foi revisado antes. Esse procedimento foi importante, pois os discentes puderam sanar dúvidas a respeito do gênero que iam dissertar e sobre o assunto, além de ser um momento proveitoso para saber como estava o conhecimento da turma com o assunto abordado.

O quinto encontro foi dedicado a uma discussão sobre a escrita inicial e em seguida, foi solicitado que os alunos formassem duplas e/ou trios para que lessem os textos uns dos outros e propusessem correções. Essa atividade precedeu as suas reescritas, nosso propósito era fazer com que nessa atividade os discentes utilizassem a sua opinião de forma crítica e que pudessem observar, tanto nos textos dos seus colegas quanto nos seus próprios, o que faltava para fundamentar suas ideias, assim como identificar se havia ou não as características do gênero artigo de opinião em suas produções. Foi uma proposta satisfatória.

Segundo Lopes- Rossi (2005), a leitura deve ser trabalhada em sala com modelos autênticos de textos de gêneros discursivos para que os alunos possam se apropriar de suas características. Assim, levamos para a leitura alguns textos como modelos, exemplos reais de gêneros discursivos como, entrevista, pesquisa estatística, em especial, o artigo de opinião que traziam o mesmo tema, redes sociais. Não buscamos exemplos dentro dos livros didáticos por não trazerem textos iguais aos originais, e por que deveriam ter o mesmo tema, as redes sociais.

Em cada encontro, a leitura correu muito bem entre os alunos, todos liam e participavam um por sua vez, houve também a discussão sobre o tema que animou a turma de forma que expuseram os conhecimentos que tinham acerca do assunto. Em cada encontro, eles perceberam as características de cada gênero discursivo trazido para sala, a diferença de um gênero para outro. A escola forneceu equipamentos para passar um vídeo para os alunos sobre as redes sociais mostrando o crescimento de seus usos a ponto de todos se conectarem ao mesmo tempo, e as pessoas perderem o contato pessoal entre elas. O intuito era após o trabalho com a leitura, trabalhar a escrita com a produção de um artigo de opinião para ser publicado também em um blog, que a turma criou, e deram o nome numa votação de *Geração literária*, por isso durante a leitura do gênero artigo de opinião foi observado as suas características para produzirem seus textos.

Houve dificuldades na escola que interferiram nas aulas, pois estavam programados para o estágio nove encontros com a turma, mas houve empecilhos durante o percurso que prejudicaram o andamento das aulas. Pois foi possível realizar somente sete encontros, e somente cinco foram realizados com o propósito determinado, no que nos outros dois encontros foram ministradas aulas de gramática a pedido da professora da turma da escola, assunto que não estava programado na sequência didática. Houve dias em que a professora da turma faltou e os alunos não foram, e dias em que também a escola estava fechada por motivo de paralisação. Teve os dias também em que os alunos eram liberados por causa de uma reforma na escola, e isto desandou as aulas, para concluir os encontros e terminar as atividades com a produção escrita como se esperava, pois foi feita a escrita inicial, depois solicitei a reescrita, mas não deu tempo para concluir e ter em mãos as produções para corrigi-las e publicar no blog.

Percebemos bem no início que para os alunos era novo o conhecimento do gênero artigo de opinião, eles não sabiam nada, faziam perguntas, se mostraram interessados em conhecer e aprender a fazer a estrutura do gênero, percebemos que tinham boas ideias. Notamos que saber aproveitar o tempo em sala de aula com dedicação durante o ensino, pode contribuir para um maior aproveitamento na aprendizagem dos alunos, porque houve uma maior dedicação à leitura e discussão sobre o tema, a fim de que aprendessem mais informações a respeito do tema e do gênero, a fim de começarem a escrever.

Segundo Lopes-Rossi (2005) deve ser trabalhado com os alunos três módulos didáticos: a leitura, a produção escrita com revisão e versão final e a divulgação ao público. Mas devido às dificuldades que surgiram para concluir os nove encontros no estágio, e por não aproveitar bem o tempo em sala de aula, somente foi possível aplicar a prática da leitura,

a produção inicial, e a criação do blog para divulgação ao público, mas sem concluir a versão final para a publicação no blog criado pela turma.

Uma proposta interessante seria ao terminar o estágio supervisionado, procurarmos novamente a turma da escola, para prosseguirmos na realização do trabalho, concluindo assim, a produção final do gênero discursivo, e publicar as produções textuais no blog criado pela turma, criado com tanto entusiasmo, para assim não quebrar as expectativas dos alunos. O que mais trouxe satisfação na experiência de ensino foi a interação em sala de aula, o interesse dos alunos em querer aprender a estrutura do gênero para produzi-lo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade no curso de licenciatura em língua portuguesa proporcionaram para o futuro professor habilidades de ensino importantes para o momento da intervenção em sala de aula. A teoria aprendida relacionada com a prática no estágio supervisionado contribuiu para o início do desenvolvimento dessas habilidades de forma, a saber, transformar em didática todo o conhecimento teórico necessário conforme a necessidade dos alunos, e a interagir com eles introduzindo o ensino de uma forma produtiva, como, olhar para eles e perceber se estão entendendo o conteúdo; de por meio de movimentos, gestos e com a voz, chamar a atenção deles para a explicação; procurando também questionar com perguntas e respostas estimuladoras e esclarecedoras, reforçando com elogios às respostas dos alunos, e aceitando as idéias apresentadas por eles como incentivo a participarem mais das aulas.

Percebeu-se que a formação do professor se dá a partir de uma articulação entre a teoria e a prática, entre o aprender e o aplicar o saber, adequando a teoria à prática, e a prática à teoria, construindo assim o professor, sua identidade profissional por meio de suas experiências de ensino em sala de aula. Os conhecimentos teóricos recebidos na universidade foram de suma importância para a realização das aulas, pois a teoria é a base essencial para a formação do professor.

Na concepção de linguagem no ensino de língua portuguesa, foi aplicada a linguagem como instrumento de interação, em que o indivíduo usa a linguagem para agir, para atuar sobre o outro e sobre o mundo. O ensino desenvolvido fez com que os alunos interagissem com o futuro professor para adquirir conhecimento, e tirar as dúvidas com perguntas esclarecedoras.

As atividades de leitura e escrita realizadas no estágio supervisionado levaram o conhecimento para os alunos buscando em todo o período de intervenção abordar os conteúdos numa perspectiva que transcende o ensino tradicional, procurando contextualizar os gêneros trabalhados em sala de aula com o cotidiano dos alunos, levando-os a entender que cada texto tem uma função diferente na sua sociedade, tem meios de circulação e um propósito para serem escritos.

RESUMEN

Pretendiese en este trabajo discutir la necesidad de una articulación entre teoría y práctica en la formación del maestro. Y verificar cómo es posible desenrollar la enseñanza de la lectura y escrita en clase durante las prácticas supervisadas, y la contribución de la práctica para la formación docente por medio de las experiencias vivenciadas. Se sabe que el profesor debe aplicar la enseñanza de la lengua portuguesa innovando con una base teórica-metodológica satisfactoria que venga a proporcionar buenos resultados a la enseñanza/aprendizaje de los alumnos, pues según as Orientações Curriculares para la enseñanza media, Ocem (2008, p.17-18) es en la enseñanza media que las habilidades adquiridas en la enseñanza primaria deben ser mejorados y establecidas. Ese trabajo se organiza en cuatro partes, se inicia con base en textos teóricos de autores que aportan una nueva perspectiva para la enseñanza de lectura y escrita, prosiguiendo con la realización de la pesquisa en campo en una escuela pública en un grupo de 1º año de la enseñanza media conforme sigue el relato de experiencia. Y por fin, una reflexión para la enseñanza y la formación del maestro. Considerándose la importancia de trabajar con la lectura y escrita de géneros discursivos, esa pesquisa respaldase en los fundamentos teóricos de Lopes-Rossi (2005), Cunha (2002), Bagno (2002) y Guimarães (2012), entre otros.

PALABRAS-CLAVE: Práctica supervisada. Lengua materna. Lectura/escrita. Enseñanza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **O que é letramento?** In: STUBBS, Michael. GAGNÉ, Gilles. Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CUNHA, Dóris de Arruda C. da. **A noção de gênero: dificuldades e evidências.** In: PETIT, Michele, BRITO, Luiz Percival Leme. NOGUEIRA, Carlos. RIBEIRO, Neucinéia Rizzato. CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins. Leitura: Teoria e Prática. Ano 20- nº 39- Outubro/ 2002.

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. **O estágio curricular no curso de Letras: o desafio de ensinar a ensinar Literatura.** In: MILREU, Isis. RODRIGUES, Márcia Candeia. (Orgs). Ensino de Língua e Literatura; políticas, práticas e projetos. Campina Grande: Bagagem/UFCG, 2012.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **Gêneros Discursivos no Ensino de Leitura e Produção de textos.** In: DIONISIO, Angela Paiva. ROJO, Roxane. BONINI, Adair. MOTTA-ROTH, Désirée – MEURER, J. L. (*1948- 2009), MARCUSCHI, Luiz Antônio. CRISTÓVÃO Vera. BENTES, Anna Christina. NASCIMENTO, Elvira Lopes. COLLINS, Heloisa. BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Gêneros textuais: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

OCEM. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** 2008.

PCNEM. **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.** Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. 2000.

ANEXOS

ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV- 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Texto 01:

Redes Sociais - O Que São?



A internet é uma rede mundial de computadores e pessoas. Não existe nada mais eficiente de que as redes sociais para interação dessas pessoas. Tudo que fazemos online nos remete a uma comunicação com outrem, o envio de um email, sala de bate papo, fórum, chat, jogo online e principalmente as redes sociais (Orkut, Twitter, Facebook, LinkedIn, dentre outras). O caminho pode ser diferente, mas, nos leva ao mesmo lugar: “Relacionamento Online”.

“Redes Sociais” está sendo um assunto discutido no mundo inteiro, com o Brasil não poderia ser diferente. A guerra está apenas começando, certamente nos próximos 10 anos as novidades serão inimagináveis. O Japão, por exemplo, está desenvolvendo uma tecnologia para celular, quando duas pessoas de mesmo perfil se aproximarem fisicamente em algum lugar específico, os celulares vibrarão.

As Redes Sociais são o meio onde as pessoas se reúnem por afinidades e com objetivos em comum, sem barreiras geográficas e fazendo conexões com dezenas, centenas e milhares de pessoas conhecidas ou não.

Já dizia Aristóteles, “O homem é, por natureza, um ser social”. As pessoas necessitam uma das outras para viverem em plenitude e as redes sociais são apenas o reflexo desse desejo humano.

Prof. Josicleido Nogueira

Texto 02:**A FORÇA DAS REDES SOCIAIS**

Um dos primeiros a visualizar a ideia foi Adolf Hitler, que a utilizou como ferramenta para difundir o seu apetite de poder. Isso numa época em que o computador, ainda em sua fase embrionária, demorava seis segundos (uma eternidade se comparados aos padrões atuais) para efetuar uma operação matemática. O nazismo constituiu uma extensa rede social, com membros alinhados em torno de uma ideologia em comum. Tal como os hippies, que também formaram suas próprias comunidades, baseadas em costumes e princípios específicos. A diferença é que naquela época não havia o universo on-line e a comunicação se difundia quase que no gogó.

No entanto, foi há cerca de 10 anos, já com a internet consolidada, que o conceito de rede social ganhou peso e dimensão planetários. Surgiram para integrar membros de ideologias, classes sociais, credos, etnias e nacionalidades os mais diversos, reunidos pelo desejo e necessidade de se comunicar, trocar ideias, refletir sobre temas do cotidiano, debater assuntos complexos ou triviais e até (por que não?) criar laços afetivos. Pelas janelas de bate-papo ou nos espaços de edição não há tema que escape do olhar dos internautas.

No mundo existe um verdadeiro cipoal de redes sociais em operação. Estima-se que pelo menos um terço da população da Terra, cerca de 2 bilhões de seres, faça parte do universo virtual interativo. Desses, pelo menos 900 milhões integram o Facebook, a maior rede social do Planeta, em que pese ter surgido há apenas oito anos da cabeça genial de Mark Zuckerberg, um ex-estudante de Harvard, auxiliado por Andrew McCollum e Eduardo Saverin.

“Por que o Face se disseminou de forma vertiginosa” é uma questão que ocupa a mente de analistas em comportamento social, mas algumas características dessa rede podem explicar, de algum modo, o seu sucesso assombroso. Primeiro, a interface é agradável e simples de operar. Segundo, há uma dinâmica espetacular no processo de edição de feeds (alimentação de informação). E terceiro, não existe limite para a edição de fotos. Some-se a isso poder compartilhar o que quiser: (links, vídeos, blogs, músicas etc.).

No Maranhão, o Face é quase uma novidade, ainda. Chegou por volta de 2009 e ganhou força em 2011. Pessoas de todas as regiões do estado caem na rede como peixe nos córregos e demais cursos naturais de água durante a piracema. Já há centenas de grupos formados por assunto e área de conhecimento. Um deles, o “São Luís do Maranhão”, com mais de 10 mil membros, divulga matérias e notas de natureza política. Cite-se o “Literatura”, com poetas amadores e profissionais, e o “Preocupadíssimos”, que atravessa noites insones escrevendo e editando poesias.

Há também o “ONG Libertas”, com mais de seis mil associados, que edita variedades. Porém, de todas as comunidades que atuam dentro do Facebook, no Maranhão, o de maior alcance social é a “São Luís de nossas Lembranças”, criada por iniciativa do médico Hamilton Raposo de Miranda Filho, e recebe membros de famílias tradicionais de São Luís.

As postagens do grupo permitem fazer um passeio e uma reflexão no tempo e no espaço urbano da cidade. São fotos de casarões, alguns dos quais nem existem mais, de monumentos, paisagens, documentos e mapas antigos de São Luís. Promovem também a releitura de episódios, omitidos ou desvirtuados pela imprensa da época. Se reunir em livro esse material, será uma obra grandiosa e de inestimável valor histórico.

Outro aspecto importante do Face local é a projeção de talentos das letras, que até então se encontravam no anonimato ou que ainda nem haviam despertado o gênio criativo. Ana Maria Marques escrevia apenas para o seu próprio deleite. Depois de editar alguns textos em sua página, teve crônicas publicadas em blogs e é nome certo para ascender na prosa e poesia. Basta examinar estes versos: “Conto das horas cada segundo que me separam de ti/De todas elas, as horas/Espero a gentileza da pausa/ Quando, finalmente, puder te encontrar/E segundo a segundo percorrer o teu mundo/que a esse tempo é também o meu”.

Entretanto, são os temas de conteúdo político que incendeiam as redes sociais. Ano passado, em face do estado precário da malha viária de São Luís, criaram a campanha denominada “Acorda, Castelo”, com textos e fotos de flagrantes de irregularidades nas ruas da cidade. O movimento se alastrou no espaço virtual como fogo em canavial e mobilizou milhares de seguidores.

Outro fato relevante foi a inauguração do Shopping da Ilha, em dezembro do ano passado, com as obras de engenharia ainda em estágio de construção civil. A reação negativa na rede foi surpreendente, e obrigou a administradora do shopping a se mobilizar para tentar conter o prejuízo na imagem do empreendimento.

As redes sociais, e o Facebook em particular, podem ter um papel ainda mais importante na campanha eleitoral deste ano, atuando como um sistema capilar de informação e formação de opinião. Que os candidatos saibam utilizar essa ferramenta para se comunicar com o eleitor e expor suas ideias. E não com o intuito de enganar e manipular, se é que isso é possível com um público que já se habituou ao debate e à crítica.

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, na sua biografia “O Livro do Boni”, diz que as redes sociais, em especial o Face e Orkut, continuarão crescendo e promovendo o que classifica como “suicídio coletivo da privacidade”, no que concordo. As redes virtuais são como raios de luz violando a penumbra da intimidade, compartilhando saber e afeto, sem que as pessoas necessitem sair do espaço confortável de suas casas ou mesmo do lugar em que se encontrem. Não constituem o vértice da comunicação em um mundo dominado pela tecnologia da informação. Mas são peças indispensáveis da engrenagem. Chegaram e ficaram.

Fonte: Jornal Pequeno.

Jornalista Nonnato Reis

Texto 3

AS DEZ REDES SOCIAIS MAIS USADAS PELOS BRASILEIROS

Pesquisa Estatística

Em pouco mais de um ano e meio, o Orkut viu seu número de usuários cair e passou da primeira para a terceira colocação entre as redes sociais mais populares do Brasil. Dados divulgados pela Hitwise, ferramenta de inteligência de marketing digital da Serasa Experian, apontam que o Facebook manteve a liderança conquistada em janeiro do ano passado, acumulando 67,84% de participação das visitas a redes, alta de 20 pontos percentuais. Outra pesquisa, realizada em dezembro do ano passado, mostrou que o Orkut foi superado pelo YouTube, segundo mais acessado.

Veja quais as redes utilizada pelos brasileiros

Facebook (67,84%)

A rede de Mark Zuckerberg se tornou a mais usada no Brasil na primeira semana do ano passado. Lançada em 4 de fevereiro de 2004, a plataforma conta com 693 milhões de usuários. Inicialmente o Facebook era limitado aos estudantes da Universidade de Harvard, mas expandiu para outras faculdades, como a Universidade de Stanford. Posteriormente, passou a ser aberto para estudantes de ensino médio e para usuários com mais de 13 anos.

YouTube (18,21%)

Site de compartilhamento de vídeos, o YouTube teve início em uma garagem de São Francisco, na Califórnia, em 2005. Funcionários de uma empresa de tecnologia, Chad Hurley e Steve Chen criaram um programa de computador para ver vídeos com os amigos. A ideia surgiu devido à demora e, muitas vezes, à impossibilidade de enviar arquivos audiovisuais por email. Menos de dois anos depois, o Google comprou a plataforma por US\$ 1,65 bilhão.

Orkut (1,91%)

Criado em 22 de janeiro de 2004, o Orkut leva o nome de seu criador, o engenheiro turco Orkut Büyükkökten. A versão em português da rede está disponível desde abril de 2005. Teve bastante adesão no Brasil, onde conquistou mais de 30 milhões de usuários, ultrapassando o número de americanos cadastrados.

Ask.fm (1,85%)

Rede social fundada em 2010 na Micronésia. Inicialmente, seu concorrente principal era o Formspring. As duas ferramentas são baseadas em perguntas demandadas pelos usuários, que devem interagir com outras pessoas para obterem respostas.

Yahoo Answers Brasil (1,71%)

Lançado pelo Yahoo em 2005, o serviço permite que pessoas cadastradas enviem perguntas e respostas. O autor do questionamento elege a melhor resposta, que ganha destaque na página.

Twitter (1,66%)

Microblog começou a ser desenvolvido em 2006 por ex-funcionários do Google. Evan Williams e Biz Stone trabalharam no Google e se juntaram a Jack Dorsey para criar um serviço de troca de status, como um SMS. Conhecido inicialmente como Status, a ferramenta

que antecedeu o Twitter permitia o envio de mensagens por celular e fazia um twitch (vibração) quando havia novas notificações.

Badoo (1,05%)

Fundado em 2005 pelo russo Andrey Andreev, opera em 180 países, sendo mais ativo na Espanha, Itália e França. A rede se classifica como um serviço de “bate-papo, namoro e amizade” com mais de 185 milhões de usuários ao redor do mundo. A ideia surgiu quando Andreev visitou São Petersburgo. Em um café, ele viu que cada pessoa sentava em uma mesa com um telefone do lado. Se alguém se interessasse por outra pessoa, poderia discar o número para ligar para o telefone, que ficava ao lado da mesa.

Bate-papo do UOL (0,83%)

Maior serviço de chat em língua portuguesa, o Bate-papo UOL tem 7,8 mil salas divididas em temas como cidades, idades ou sexo.

Google+ (0,78%)

Segunda maior rede social do mundo, o Google Plus não ganhou expressividade e força no Brasil. Lançado no fim de junho de 2011, consagrou-se como a ferramenta que cresceu mais rápido na história das redes sociais. Mundialmente, conta com 343 milhões de pessoas cadastradas.

Windows Live Home (0,49%)

Mistura de página personalizada e serviço social, o Windows Live Home, da Microsoft, mostra notícias provenientes de canais RSS e permite a interação com o serviço de email do Hotmail.

Fátima Souza

Texto 4:

PUBLICIDADE
ARTIGO

As redes sociais digitais: necessidade ou vício?

Publicado em 29/04/2014 | [TANIA TAIT](#)

Com o advento dos aparelhos móveis e a ampliação dos recursos dos celulares, a expansão da internet se dá de forma assustadora e seu uso passa de esporádico para instantâneo. Essa evolução, ao fortalecer o paradigma de “computador onde a pessoa se encontra, a qualquer hora e lugar”, referindo-se aos aparelhos móveis, modifica também comportamentos como o chamado “vício eletrônico”.

Antes, a expressão indicava o vício das pessoas que não conseguiam se desligar de seus computadores para entrar nas redes sociais, jogar, fazer comentários ou verificar o que está sendo postado. Hoje, a situação se torna mais complexa e alarmante. Basta observar ao redor: pessoas caminhando e usando celular; pessoas em bares e restaurantes que não interagem com outras pessoas, mas com seus aparelhos. Crianças e adolescentes conectados o tempo todo. Adultos usando aparelhos de comunicação em festas e cerimônias formais. Imagens sendo postadas e divulgadas em cada momento. O chamado vício agora se irradia: as pessoas podem acessar suas informações em qualquer lugar e horário, pois carregam os aparelhos consigo.

Ao lado dos inúmeros serviços ofertados na internet, tais como a realização de pesquisas, serviços bancários, serviços públicos e a comercialização de produtos e serviços, entre outros, encontra-se uma forma de comunicação via redes sociais, que se tornou parte do dia a dia das pessoas em todo o mundo. O próprio conceito de redes sociais é antigo e indica a integração de pessoas que têm um objetivo comum e se comunicam para compartilhar ideias ou realizar ações conjuntas. No caso das redes sociais digitais, essa comunicação se dá por meio de uma tecnologia, que fornece acesso por meio de diversos tipos de aparelhos (celulares, tablets etc).

Cada vez mais atraentes, as redes sociais são utilizadas também pelas empresas na promoção de seus bens e serviços, com base no perfil dos usuários e seus interesses. Há uma estrutura para capturar as informações via redes sociais e transformá-las em conteúdo para marketing e propaganda, para captar novos clientes ou garantir os existentes.

Percebe-se, entretanto, que as redes sociais digitais possuem um tempo de vida útil. A rede social digital mais utilizada, atualmente, começa a apresentar desgaste devido ao uso de “correntes”, pensamentos de autores que nem sempre são verídicos, comentários pagos por partidos políticos e excesso de propagandas de empresas na comercialização de seus produtos e serviços. Essas informações descaracterizam o que inicialmente seria utilizado para que as pessoas se comunicassem.

Além dos problemas psicológicos de vício e isolamento social que estão sendo estudados, não se pode negligenciar outros itens no quesito saúde, devido à radiação e ao contato direto com os aparelhos, que trazem problemas como diminuição da visão, tendinite, dor nas costas, má postura e ansiedade, entre outros.

Destaca-se, por sua vez, o lado fantástico dessa tecnologia que possibilita comunicação em tempo real, com fotos, imagens e comentários, o que pode aproximar as pessoas e colocá-las a par dos acontecimentos familiares, de relacionamentos e de acontecimentos de interesse público, mesmo a longa distância. Inclusive comenta-se que as pessoas nunca escreveram ou leram tanto como após o advento das tecnologias de informação e comunicação. Não vamos entrar aqui no mérito do que e de como se escreve, o que tem se tornado preocupação dos professores e professoras de Língua Portuguesa pela qualidade duvidosa e pelos incontáveis erros de escrita que circulam pela internet.

Enfim, devemos aprender a dosar o uso das novas tecnologias de comunicação para que seus benefícios possam ser aproveitados de maneira a contribuir para a real aproximação e compartilhamento entre as pessoas, com liberdade e não como escravidão e dominação.

Tania Tait, professora associada do Departamento de Informática da Universidade Estadual de Maringá, é coautora do livro Aspectos Sociais da Informática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NONATO, Reis. **A força das redes sociais**. In: Web: Blog de Nonato Reis. UOLBLOG.

NOGUEIRA, Josicleido. **Redes Sociais – O Que São?** In: Web: josicleido.blogspot.com.br/2010/04redes-sociais-o-que-sao.html

ONLINE, Ibope Nielsen. **Vídeo Redes Sociais**. In: Vídeo Redes Sociais.wmv

SOUZA, Fátima. **As dez redes sociais mais usadas pelos brasileiros**. In: Web: www.cnagitos.com/index.php/noticias/item/1091-as-redes-sociais-mais-usadas-pelos-brasileiros

TAIT, Tania. **As redes sociais digitais: necessidade ou vício?** In: Web: www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/conteudo.phtml?id=1465221&tit=as-redes-sociais-digitais-necessidade-ou-vicio